

O mobiliário das escolas cristãs no século XVII: um elemento humanizador

Clóvis Trezzi¹

RESUMO

A escola como um ambiente especializado para o ensino-aprendizagem se desenvolveu a partir do século XVII e, nesse ambiente, foi introduzido um mobiliário escolar desenvolvido de acordo com o método pedagógico utilizado. Este artigo parte dessa premissa para investigar, a partir da função social, o mobiliário escolar das Escolas Cristãs, rede de escolas criada por João Batista de La Salle (1651-1719) na França a partir de 1689. O objetivo é mostrar que a escolha desse mobiliário tinha, mais do que uma função prática, uma função social. Para tanto, o artigo faz uma leitura hermenêutica do Guia das Escolas Cristãs, obra pedagógica de La Salle, para concluir que o padrão científico dos móveis desenhados para a sala de aula seguia o mesmo princípio pedagógico das Escolas Cristãs e tinha a mesma função: dar dignidade para as crianças pobres.

Palavras-chave: Mobiliário escolar. Escolas Cristãs. La Salle

The christian achools furniture in the 17th century: a humanizing element

ABSTRACT

The School as a specialized environment for teaching and learning was developed from the 17th century on. In that environment, school furniture was developed according to the pedagogical method. This article starts from this premise to investigate, from the social function, the school furniture of the Christian Schools, a network of schools created by John Baptist de La Salle (1651-1719) in France as from 1689. The objective is to show that the choice of this furniture had, more than a practical function, a social function. Therefore, the article makes

¹ Doutor em Educação pela Universidade La Salle de Canoas/RS. Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade La Salle e na área de Educação e Cultura da mesma Universidade. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5682-6579>. E-mail: clovis.trezzi@unilasalle.edu.br.

a hermeneutic reading of the *"The Conduct of the Christian Schools"*, La Salle's pedagogical work, to conclude that the scientific standard of the furniture designed for the classroom followed the same pedagogical principle of the Christian Schools and had the same function: to provide dignity for poor children.

Keywords: School furniture. Christian Schools. La Salle

El mobiliario escolar de las escuelas cristianas del siglo XVII: un elemento humanizador

RESUMEN

La escuela como un lugar especializado para la enseñanza y el aprendizaje se desarrolló a partir del siglo XVII y, en ese lugar, el mobiliario escolar se desarrolló de acuerdo con el método pedagógico utilizado. Este artículo parte de esta premisa para investigar, a partir de la función social de la escuela, el mobiliario escolar de las Escuelas Cristianas, una red de escuelas creada por Juan Bautista de La Salle (1651-1719) en Francia desde 1689. El objetivo es mostrar que la elección de este mobiliario tenía, más que una función práctica, una función social. Por lo tanto, el artículo hace una lectura hermenéutica de la "Guía de las Escuelas Cristianas", el trabajo pedagógico de La Salle, para concluir que el estándar científico de los muebles diseñados para el aula siguió el mismo principio pedagógico de las Escuelas Cristianas y tuvo la misma función: dar dignidad a los niños pobres.

Palabras-clave: Mobiliario escolar. Escuelas Cristianas. La Salle

Introdução

O objeto de investigação do presente artigo é a introdução de um mobiliário escolar cientificamente planejado na França, na virada do século XVII para o XVIII. Toma-se como base a Sociedade das Escolas Cristãs, posteriormente chamada de Instituto dos Irmãos das Escolas Cristãs, criada por São João Batista de La Salle em 1680 com o fim de dar educação gratuita para meninos pobres. Parte-se do pressuposto de que esse mobiliário tinha uma função mais importante do que permitir que a criança aprendesse melhor, com mais conforto ergonômico. Era parte da estética de uma escola que tinha uma função social bem de-

finida: elevar a dignidade das crianças pobres que, na sociedade, não dispunham de praticamente nenhuma.

Há uma certeza entre os principais historiadores da educação sobre a educação moderna: ela se desenvolveu a partir de um novo paradigma educacional desenvolvido no século XVII. Segundo Manacorda (2010), Gauthier (2014) e Hengemüle (2007), um dos marcos dessa mudança foi a fundação, pelo sacerdote francês João Batista de La Salle (Reims, 1651 – Rouen, 1719), da Sociedade das Escolas Cristãs.

Este artigo faz uma leitura hermenêutica das ideias revolucionárias introduzidas na educação do século XVII por La Salle, que podem ser encontradas nos seus escritos². Essas ideias mostram que, para ele, a preocupação com a complexidade do processo escolar era um elemento importante da educação. Essa complexidade incluía o processo organizativo da escola, bem como os conteúdos e métodos de ensino. Mas, mais que isso, o todo da escola, incluindo os espaços físicos e o mobiliário, devia ser pensado em função da dignificação do aluno e do professor.

Na modernidade, que surge a partir do final do século XIV, mas que leva cerca de dois séculos para amadurecer, a escola passa a ser vista como um espaço sociocultural especializado na educação que desloca a criança de sua família para o convívio mais amplo em sociedade. A pedagogia ganha contornos científicos, ou seja, começa a ser pensada a partir de um método educativo, e a educação recebe uma função social. “Abrir uma escola é fechar uma prisão”, dizia Charles Démia (apud GAUTHIER, 2014, p. 111). Foram diversos os movimentos iniciados na primeira metade do século XVII no sentido de dar à escola um sentido social. Fiévet (2001) aponta diversos educadores que se empenharam nisso: Vicente de Paulo, Charles Démia, Nicolas Barré, Nicolas Roland, Bataillon entre outros.

Partindo do fato de que as principais mudanças na educação moderna se dão na segunda metade do século XVII, e que João Batista de La Salle é um dos principais protagonistas dessas mudanças, este artigo, que investiga o mobiliário escolar das Escolas Cristãs na perspectiva de sua função social, divide-se em três partes. Na primeira, apresenta a Sociedade das Escolas Cristãs como uma novidade para a sociedade da época; na segunda, trata de descrever o mobiliário daquelas escolas,

² As Obras Completas de La Salle foram publicadas no Brasil em 2012. Nesta tese serão utilizados alguns textos, devidamente identificados.

tal como descrito pelo Fundador; na terceira, associa este mobiliário à função social da escola. O objetivo é demonstrar que, nas Escolas Cristãs fundadas por São João Batista de La Salle, a educação era pensada a partir de um conjunto de elementos que compunham um todo pedagógico, e cada um desses elementos estava a serviço do papel principal da escola que era dar dignidade social aos “filhos dos artesãos e dos pobres” (LA SALLE, 2012b, p. 18).

A educação nas escolas cristãs

A França da segunda metade do século XVII é o cenário no qual se desenvolve o projeto pedagógico de La Salle. Este nasceu em Reims, em 1651, e faleceu em Rouen em 1719. Membro da alta burguesia renense, foi ordenado sacerdote em 1678 e, em 1680, doutorou-se em Teologia. Nesse intervalo, em 1679, tomou contato com o mundo da educação por intermédio de um educador de Rouen, chamado Adrien Nyel, que lhe propôs assumir a organização e o financiamento de escolas gratuitas para os meninos pobres da região de Reims. Nyel, contudo, tinha um espírito mais de empreendedor do que de pedagogo, o que levou La Salle a deixar de lado seus projetos e ambições pessoais e assumir integralmente a coordenação das escolas.

Estes dados – que podem ser encontrados em biógrafos diversos, dentre os quais foi consultado, para este artigo, o historiador Bédel (1998) –, são importantes para que se possa compreender a questão básica deste artigo que é a função do mobiliário introduzido por La Salle nas escolas por ele organizadas. Essas escolas, que foram crescendo em quantidade – eram cerca de 50 em 1719, de acordo com Sauvage (2001, p. 20) –, passaram a compor a chamada Sociedade das Escolas Cristãs, da qual faziam parte todos os professores. Estes professores, a partir de 1684, passaram a denominar-se Irmãos das Escolas Cristãs.

O contexto social na abertura das primeiras Escolas Cristãs foi o de uma pobreza urbana crescente. Fiévet (2001) apresenta, entre outros motivos, o início de uma migração da população do campo para as cidades, o que aumentava em muito a pobreza urbana. A isso some-se uma série de intempéries – invernos rigorosos intercalados com períodos de forte seca –, como descrito por Bédel (1998) e aos gastos excessivos da Corte em uma sociedade na qual os mais pobres dificilmente tinham

acesso a benefícios sociais como a educação, e tem-se aí um quadro bem resumido do caos reinante nas cidades, especialmente nas maiores.

Associado ao aumento da população urbana, Fiévet (2001) explica que se tornava mais comum também o desemprego e a informalidade do trabalho, elementos que contribuíam com o aumento da desigualdade social. Estima-se que, somente na grande seca de 1693-1694, morreram de fome, na França, cerca de um milhão e meio de pessoas (BÉDEL, 1998), número considerável para a época.

A tabela a seguir, que expõe o índice de mortalidade na Europa na virada do século XIX para o século XX, induz à seguinte conclusão: se, quase três séculos após a fundação das Escolas Cristãs por La Salle ainda havia uma taxa de mortalidade altíssima na França, infere-se que, na metade do século XVII, esta era ainda maior.

Tabela 1 – Índice de Mortalidade em alguns países europeus

Período	Inglaterra País de Gales	Alemanha	França	Holanda	Espanha
1871	21,4%	27,2%	23,7%	24,3%	30,8%
1901-1910	15,4%	18,7%	19,5%	15,2%	25,2%

Fonte: Sposito (2004, p. 49)

O contexto educacional era diretamente ligado à questão social. O século XVII ainda não conhecia as escolas para atendimento em massa. O método mais difundido era o individual, pelo qual o aluno passava um tempo sozinho com seu professor, em geral na casa deste, e aprendia aquilo que o professor tinha condições de ensinar. Nesse modelo de escola, não havia professor preparado nem ambiente específico para as aulas (GAUTHIER, 2014). Era professor quem detinha algum tipo de conhecimento e não tinha habilidade para fazer outra coisa; servia como escola qualquer espaço definido para este fim pelo professor. Além disso, as aulas eram pagas, o que excluía os mais pobres que, além de tudo isso, não encontravam estímulo para ir à escola (HENGEMÜLE, 2007), já que não havia perspectiva de mudança nas suas condições de vida.

Havia iniciativas, especialmente ligadas à Igreja Católica, como as Escolas Paroquiais que eram destinadas a atender à população pobre; estas, porém, eram insuficientes, considerando-se que o método simultâneo de ensino ainda não era muito difundido.

A fundação das escolas de La Salle tinha destinatários definidos: os “filhos dos artesãos e dos pobres” (LA SALLE, 2012b, p. 180). Bédel (1998, p. 11) conceitua os pobres dessa época como “*personas sin recursos asegurados, pero que se benefician de la asistencia de los demás habitantes, a diferencia de los ‘mendigos’ y ‘vagabundos’*”. Havia, também os artesãos, definidos por Bédel (1998, p. 9) como aqueles que “*viven sobre todo en las ciudades y ejercen numerosos oficios. Algunos de ellos, por vender su producción (los panaderos, por ejemplo), se asemejan a los **comerciantes***” (Grifos do autor).

A Sociedade nasceu, de acordo com Bédel (1998), a partir da iniciativa de Nyel que comprometeu La Salle com a educação dos pobres. Passo a passo, a instituição foi se organizando até desenvolver um método de ensino próprio, associado com um modelo de gestão e organização da escola concebido por La Salle e os primeiros Irmãos. Este método, baseado principalmente na observação, transformou-se em livro cerca de 30 anos depois da abertura da primeira escola: a “*Conduite des Écoles Chretiennes*” (Condução das Escolas Cristãs), traduzido para o português como “*Guia das Escolas Cristãs*”, um manual que indica em detalhes como deveria ser conduzida uma escola. Foi reeditado até 1916 (LAURAIRE, 2014).

Desenvolvia-se, assim, um modelo de escola para os mais pobres que apostava em uma educação qualificada, organizada e metódica, em uma época em que se acreditava que os pobres, especialmente os filhos dos trabalhadores, não deviam ir à escola, tal como o explica Hengemüle (2007, p. 19): “*para não arriscar reverter a estrutura da sociedade, para não atentar contra o sacrossanto equilíbrio social, para manter a desigualdade em que se acreditava fielmente no Grande Século*”. As Escolas Cristãs associavam a educação na religião à preparação para a vida, recusando-se a ensinar latim e priorizando a aprendizagem do francês. Tinham, também, como grande preocupação o ensino das Regras de Urbanidade (LA SALLE, 2012c), que eram uma forma de ensinar, na prática, a viver em sociedade.

Esse modelo de educação mostrava que todos, mesmo aqueles que eram considerados indignos de receber educação, tinham condições de ser tão educados quanto os mais ricos. O humanismo cristão, que guiou o pensamento de La Salle e dos mestres das Escolas Cristãs, também chamados de Irmãos, tornou-se a base de toda a pedagogia lassaliana que, por sua vez, impulsionou a pedagogia moderna, segundo Gauthier (2014).

O mobiliário nas escolas cristãs

A valorização da escola como ambiente de aprendizagem, embora incipiente, não era totalmente novidade na primeira metade do século XVII. Encontramos, por exemplo, em Comenius (2016), um dos escritos mais antigos sobre a escola como um lugar organizado, que desperta o interesse do aluno, já em 1657:

A própria escola deve ser um lugar bonito, que ofereça, dentro e fora, agradável espetáculo para a vista. Que dentro, o ambiente seja bem iluminado, limpo, ornado por pinturas, [...]. Do lado de fora, nas imediações da escola, deve haver não só um espaço para brincar e andar (pois as distrações não podem ser negadas às crianças de quando em quando, como veremos oportunamente), mas também um jardim aonde seja possível levá-las para que se recreiem aos olhos vendo árvores, flores, relva. Se a escola for assim, pode-se supor que para lá as crianças não irão com menos alegria do que sentem quando vão ao mercado, onde sempre esperam ver e ouvir algo novo. (COMENIUS, 2016, p. 169-170).

Gauthier (2014, p. 108) traça um panorama sobre a situação da escola elementar no começo daquele século: ensino individual, sem um método específico; professor pobre, não profissional, que ensina apenas o que sabe, sem formação; não havia um ambiente específico para o ensino, que podia ser desde a casa do mestre até outro ambiente qualquer; não havia preocupação com a pessoa da criança, que podia receber castigos físicos livremente.

A partir dessa realidade, a segunda metade do século XVII viu surgir outra, também descrita por Gauthier (id. *ibid*): uma escola de ensino simultâneo, funcional; que seguia um método específico de ensino, na qual o professor era profissional com dedicação exclusiva; com um ambiente organizado; com professores formados e supervisionados; recebia crianças pequenas em classes seriadas; com um ambiente exclusivo para o ensino.

O contraste entre os dois modelos que coexistiram num mesmo período revela a passagem para a educação moderna. Gauthier (2014), Manacorda (2010), Ariés (2015) são alguns dos historiadores que atribuem a La Salle e aos primeiros Irmãos das Escolas Cristãs a responsabilidade por essa transição. Isso porque as escolas de La Salle foram o

primeiro e grande projeto educacional que experimentou e fez funcionar esse modelo moderno de escola e, mais do que isso, deixou-o documentado.

O *Guia das Escolas Cristãs*, que era o texto de referência para a organização da escola a partir de 1706, apresenta um capítulo especial sobre a estrutura física da escola, esmiuçada em detalhes. Conhecer esses dados é importante para que se possa compreender como foram concebidas as Escolas Cristãs, como foi sendo construída uma teoria do mobiliário escolar e como era a relação pedagógica estabelecida nesse espaço especializado na educação de crianças, filhos de artesãos e de pobres urbanos.

No tocante à função da escola, La Salle (2012a, p. 235) afirma que elas “devem ser estruturadas de tal forma que mestres e alunos possam cumprir nelas facilmente seus deveres”. Percebe-se que a função é muito mais utilitária e pragmática do que romântica, como a de Comenius (2016), apresentada anteriormente. Capta-se a ideia de que o aluno e o professor devem sentir-se bem nela, não apenas porque é um espaço agradável, mas porque conseguem exercer com tranquilidade as suas atividades como professor e aluno. Isso se reflete também na descrição da sala de aula e do mobiliário escolar.

Contudo, não se pode, de maneira alguma, afirmar que La Salle foi o primeiro a descrever a escola nesses moldes. Grandière (2007) demonstra que outros pedagogos descreveram uma possível organização da escola nesse mesmo período ou anteriormente. Dentre eles, destaca-se Batencour³, com uma descrição detalhada do edifício escolar e do espaço da sala de aula das escolas paroquiais: “Batencour prevê salas grandes, para cem a cento e cinquenta crianças, iluminadas de cada lado por grandes janelas e aquecidas por lareiras”. (GRANDIÈRE, 2007, p. 27).

É possível que outros autores tenham, também, escrito ou pensado em questões relativas ao espaço físico da escola. Essa preocupação tem uma íntima relação com a passagem de um prédio escolar que não tinha qualquer organização para uma escola que era prática e funcional. No início do século XVII, era comum o modelo de escola assim descrito (não significando, com isso, que fosse o único modelo existente):

3 Jacques de Batencour, sacerdote e pedagogo francês do século XVII, autor de um dos mais antigos tratados sobre a educação elementar intitulado *A escola paroquial*, no qual descreveu seus anos de experiência como professor. É um dos inspiradores de La Salle.

Um velho mestre, com a palmatória na mão, interrogando um aluno por vez, enquanto uma quinzena de outros, de idades variadas, se dedicam a todo tipo de ocupações, brincam ou brigam. O local, uma espécie de porão, é sujo e está completamente em desordem. (GAUTHIER, 2014, p. 106).

Este tipo de aula, típico das escolas onde não se aplicava o método simultâneo, do qual La Salle foi um grande divulgador, era comum até o século XVII e continuou existindo nos séculos seguintes, até que o método simultâneo se tornou cada vez mais popular. Os Irmãos das Escolas Cristãs evitaram o método individual nas suas escolas.

Manacorda (2010, p. 286), ao descrever a escola e a pedagogia de La Salle, recorda que “com a prudência de suas prescrições, ele descreve um edifício escolar que lembra o edifício idealizado por Boncompagno de Signa, mas com a vantagem de representar um edifício real, o moderno edifício escolar com seus aspectos positivos e negativos”.

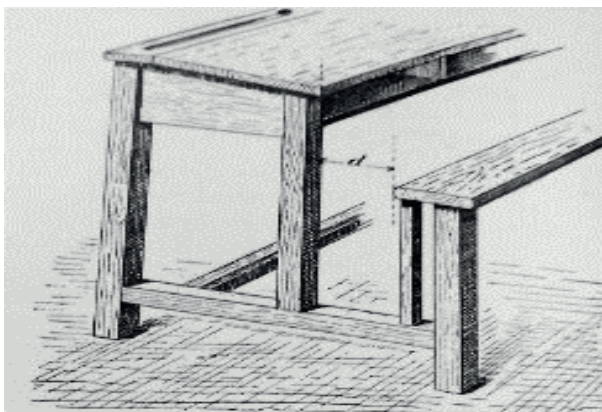
Para além de um pensamento complexo sobre a escola, que transparece nos escritos de La Salle, encontramos uma ampla descrição de todos os ambientes escolares, desde os mais básicos, como o tamanho e a colocação dos cartazes nas paredes, até o mais complexo, para os quais eram necessários estudos: o tamanho das carteiras, considerando a idade e respectivo tamanho médio dos alunos que integravam cada classe.

Os bancos nas escolas devem ter diversas alturas, a saber: de 8, 10, 12, 14 e 16 polegadas, e comprimento de 12 a 15 pés⁴, tudo encaixado. A espessura de cada banco deve ter ao redor de uma polegada e meia, e a largura, aproximadamente 6. Cada banco deve ter três conjuntos de pés de apoio, e cada conjunto, duas peças verticais de sustentação e uma travessa na base. Em cada uma das classes inferiores deve haver dois bancos de 8 polegadas de altura, para os alunos menores; 3 de 10 e 3 de 12, para os alunos médios e os maiores, bancos cujo número pode ser diminuído ou aumentado de acordo com a quantidade de alunos. (LA SALLE, 2012a, p. 235).

4 É difícil calcular com exatidão o tamanho, uma vez que no século XVIII não havia um padrão de medidas. A partir do padrão atual, pode-se calcular que a altura varia de 20 cm a 40 cm; entre 30 a 80 cm de comprimento e uma largura de 15 cm.

A estética da escola assume um padrão científico, ou seja, mais do que ser um espaço de aprendizagem, ela é um local pensado exclusivamente para esse fim, que segue um padrão de medidas e passa por um processo de experimentação para tornar-se funcional. O ideal humanista de educação ganha contornos de ciência; a escola passa a existir como instituição organizada e a educação começa a ser tratada com a seriedade científica própria da modernidade. A experiência estética passa a ser dimensionada e passível de observação. Já não está em jogo apenas o “ir à escola” para que alguém que sabe algo ensine o que sabe, mas esta ação torna-se uma experiência carregada de sentido.

Figura 1 – Representação do século XIX dos bancos das Escolas Cristãs⁵



Fonte: Frères dDes Écoles Chretiennes (1897, p. 376)

Pensar a escola dessa maneira não é algo exclusivo de La Salle, mas próprio de sua época. Uma descrição da escola muito similar é encontrada em Batencour ([1669] apud GAUTHIER, 2014, p. 117):

As mesas devem ser postas no lugar mais claro da escola, ficando cada extremidade delas perto da janela, de modo que as crianças tenham o lado esquerdo voltado para essa janela. Cada aluno deve dispor de quatorze polegadas [cerca de 35 cm] para o seu lugar,

⁵ Esta imagem faz parte de um estudo de 1897 em preparação a uma nova edição do *Guia das Escolas Cristãs*. Embora seja separado por quase dois séculos da primeira edição impressa do *Guia*, a legenda afirma: “Modelo antigo”, o que leva a crer que esta imagem se aproxima dos modelos de bancos escolares do século anterior.

se tiver talhe médio; se é pequeno, doze [cerca de 30 cm], se é grande, dezesseis [cerca de 40 cm]. Também é necessário que nem todas as mesas tenham altura igual, mas que haja parte delas mais altas e parte mais baixas, a fim de que as crianças se assentem comodamente, para que escrevam bem.

Embora a descrição seja diferente, percebe-se que a preocupação era a mesma: ter um espaço escolar que fosse ergonômico e agradável para os alunos aprenderem. Talvez, pela primeira vez na história da educação, se estivesse imaginando uma escola pensada para a criança.

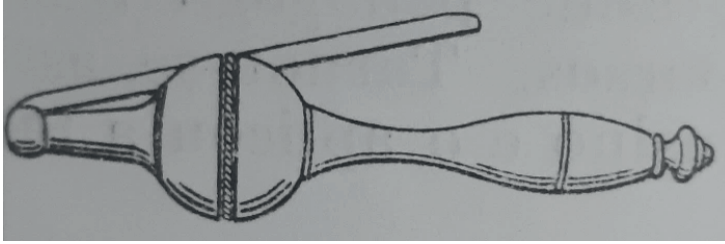
Este padrão científico aparece também na descrição que o *Guia das Escolas Cristãs* faz dos cartazes que devem ser afixados nas paredes (LA SALLE, 2012a, p. 42). Como elementos fundamentais para a aprendizagem, estes deveriam ser colocados de maneira tal que estivessem sempre à vista dos alunos e a uma distância tal “que os alunos que os leem possam ver neles com facilidade todas as letras e sílabas” (id., p. 42). Da mesma forma, o tamanho das letras e a distância entre elas deveria facilitar a visualização e a leitura (id., p. 42).

Descrevendo os equipamentos utilizados nas Escolas Cristãs, Manacorda (2010, p. 281) diz que as prescrições do *Guia das Escolas Cristãs* sobre o assunto

[...] concernem especialmente a materiais e técnicas materiais referentes ao papel: o transparente para copiar à vista das letras (para os menos hábeis), as penas (que eram realmente penas de ganso, das quais era preciso levar duas para a escola), o canivete, o corta-penas, a tinta, o tinteiro de chumbo (um para cada dois alunos), os modelos de letras do alfabeto.

Para evitar o uso das punições corporais comuns nos sistemas educacionais franceses do século XVII, as escolas de La Salle utilizaram-se de dois recursos culturais inusitados para manter a disciplina na sala de aula: um código de sinais (LA SALLE, 2012a, p. 133) e pequenos presentes ou recompensas descritas em La Salle (id., p. 152). Utilizava-se, para o código, um aparelho chamado simplesmente “sinal”, desenvolvido nas escolas lassalistas.

Figura 2 - Sinal



Fonte: Justo (1991, p. 219).

Além destes elementos, insistia-se junto ao corpo docente para manter registros padronizados da vida escolar com os chamados “catálogos” (id., p. 141). Estes, que na verdade eram atas que registravam tudo o que acontecia na escola, tinham a função de manter o controle sobre a vida escolar dos alunos e permitir que cada um fosse tratado a partir do histórico pessoal.

Hébrard (2007, p. 16) diz ainda que as Escolas Cristãs introduziram como mobiliário escolar o quadro-negro. Não que este não existisse, mas era utilizado em outros ambientes, como as fábricas. Para Hébrard, a grande revolução da introdução do quadro-negro na escola foi a democratização da aprendizagem: um instrumento de baixo custo que atendia a todos os alunos ao mesmo tempo. Isso era tremendamente importante, já que o público das Escolas Cristãs era formado pelos mais pobres.

Apesar das limitações do incipiente conhecimento pedagógico do século XVII, a experiência escolar de quase 30 anos que antecede a primeira versão manuscrita do *Guia das Escolas Cristãs* permitiu que La Salle e seus Irmãos professores experimentassem, percebessem e sistematizassem uma teoria sobre o modo como o espaço escolar mais ou menos adequado incidia no processo pedagógico. De forma peculiar e historicamente precoce, os Irmãos perceberam e procuraram utilizar a dimensão estética e ergonômica aplicadas à educação elementar.

O problema da educação havia se agravado com o inchaço urbano. O aumento da população urbana, com o conseqüente crescimento do número de jovens pelas ruas, desocupados, e o respectivo aumento da criminalidade levou a um questionamento sobre o papel da escola. E foi justamente a percepção de que esta tinha um papel social que abriu as portas para a nova compreensão, que passou a ser uma maneira mais racional de manter a ordem social e de atender os jovens que, a partir de

então, começaram a ser vistos como necessitados de mais educação ao invés de maior rigor na repressão policial.

Essa nova escola traz, subjacente, um conceito antropológico. Ela não aparece aleatoriamente, tampouco é fruto pura e simplesmente de um aperfeiçoamento do modelo pedagógico. Identificar essa antropologia ajuda na compreensão do processo pedagógico posterior que, a despeito dos revezes históricos, perpassou os séculos chegando até nossos dias. Ajudará a compreender, também, o projeto pedagógico lassalista hoje, quase 300 anos após a morte de La Salle.

A função social das escolas cristãs: dar dignidade aos alunos pobres

A preocupação com o aluno, na pedagogia de La Salle, ganha forma a partir de uma nova mentalidade que emergia naquele período histórico. Segundo Ariès (2015), no século XVII começa a surgir uma nova preocupação com a infância. As crianças passam a ser vistas como indivíduos e não mais como projetos de adulto. Essa nova compreensão, que deriva do humanismo quatrocentista, ganha corpo com o surgimento de uma nova pedagogia que valoriza a criança. Mais do que valorizar a infância, vê nela um ser educável que deve ser preparado para a vida adulta por meio de uma educação que o valorize como pessoa.

Para tanto, foram desenvolvidos nesse período métodos e técnicas de ensino com esse objetivo. Essa precoce pedagogia ativa é identificada por Manacorda na pedagogia das Escolas Cristãs. Este historiador afirma que o aluno lassalista aprendia a escrever a partir da realidade do eventual mercado de trabalho disponível para ele:

Na sexta ordem da escrita redonda e na quarta da escrita cursiva, introduzia-se um conteúdo que, pelo nome, parece nos levar atrás, mas que, na realidade, é a parte mais inovadora destas escolas: a ortografia; [...]. Indicam-se, em seguida, algumas destas escritas burocráticas, cartoriais e privadas: contratos, quitações, obrigações, procurações etc. que, após os exercícios de transcrevê-las, os próprios alunos as escreviam sem mais copiá-las. Dessa forma, sob o título antigo de ortografia, escondia-se o fato mais moderno dessa escola. (MANACORDA, 2010, p. 282).

Chama a atenção essa relação direta da aprendizagem com a realidade do educando. É mais do que aprender a escrever para depois

utilizar a escrita na vida ou em uma profissão; é a aprendizagem da profissão conjuntamente com a da escrita, o que inaugura uma nova visão de mundo, a de que a educação deve estar integrada à vida do educando. Isso em uma época em que, de acordo com Ariès (2015), ainda havia pouquíssima preocupação com a criança enquanto tal. Esta era costumadamente encarada como um adulto em miniatura, e isso se pode depreender das ilustrações da época: crianças vestidas como adultas ou com corpo de adultas, apenas numa dimensão menor.

Em se tratando da educação dos pobres, é ainda mais surpreendente esse pensamento em uma época em que se acreditava estar a pessoa condicionada, pelo nascimento, a uma determinada função na sociedade e a permanecer em uma classe social. Os Irmãos das Escolas Cristãs parecem não se preocupar com o porquê de ensinar coisas novas para crianças fadadas a seguir a sina dos pais, pois já tinham bem claro qual era o papel da escola.

Simard (2014, p. 78) demonstra que, desde o Renascimento, com o advento do humanismo, “o homem se torna um modelo para si mesmo, autor da própria imagem e criador de um mundo do qual é responsável”.

O homem não é o que existe de mais admirável sobre a terra? - dizia Pico della Mirandola, inspirando-se também nas fontes árabes. Assim, a ação e a reflexão dos homens, tais como Ficino, Erasmo, Rabelais, More, Montaigne, Da Vinci, Michelangelo e tantos outros não teriam consistido em definir um modelo de perfeição humana – intelectual, moral, estético –, cujas fontes de inspiração estão na Antiguidade greco-romana. [...] na Antiguidade, os humanistas do Renascimento encontram, acima de tudo, o amor à cultura e à civilidade, ou seja, a cultura que expressa o ideal do letrado, do homem de cultura clássica dominando as línguas, a palavra e a escrita, tal como Erasmo, para quem nada é mais admirável que o discurso. (SIMARD, 2014, p. 80).

Este pensamento humanista reaparece em La Salle quando afirma que qualquer criança pobre “sabendo ler e escrever, é capaz de tudo” (LA SALLE, 2012a, p. 197). Quer dizer que o processo de mudança do ser humano começa na escola. A sociedade, por si só, não é capaz de evoluir; o próprio ser humano não muda sem um processo de aprendizagem. La Salle coloca na escola uma forte carga de esperança,

porque a concebe como responsável pelo processo de mobilidade social no contexto da sociedade aristocrática francesa fundamentada na impossibilidade de ascensão social decorrente do mérito educacional dos indivíduos pobres. A visão de que o ser humano é capaz de tudo quando sabe ler e escrever amplia a concepção antropológica acerca da capacidade do ser humano que, posteriormente, veio a ser o objetivo das ciências da educação, principalmente no século XXI, na sociedade do conhecimento.

A compreensão de ser humano com a qual La Salle concebe o seu aluno, implica na necessidade de transcender a visão aristocrática do docente. O papel do professor é revisto. Tanto o aluno quanto o professor estão no centro do processo educativo, enquanto seres humanos em crescimento, e são apresentados como igualmente importantes para que o processo pedagógico aconteça. Não se trata mais de um adulto superior que sabe e pode transmitir a um infante inferior que nada sabe. A relação antropológica é entre um docente adulto que se sabe capaz de aprender com a criança o modo mais adequado de ensiná-la. Parece que La Salle “pedagogiza” o amor preferencial de Cristo pelos pequeninos, especialmente, as crianças (Mateus 25, 45).

Na prática pedagógica descrita por La Salle, os procedimentos pedagógicos carregam em si uma finalidade ética. Um dos princípios pedagógicos das Escolas Cristãs era ensinar às crianças a bem viver, o que significava ensinar a praticar o bem e evitar o mal. Além de ser uma aprendizagem para a vida, o ensinar a bem viver consiste na formação do sujeito moral, capaz de viver em sociedade de acordo com as suas normas. A escola assume a função de civilizar o sujeito. Conforme a percepção de Manacorda, a análise das regras do *Guia das Escolas Cristãs* que separam o ensino da leitura do ensino da escrita demonstra “a coexistência de duas instruções diferentes: a aculturação religiosa moral e uma pré-aprendizagem das profissões artesanais mercantis. Esta é a grande novidade das ‘escolas cristãs’ e, é claro, não somente dessas!”. (MANACORDA, 2010, p. 283).

Ainda sob o regime aristocrático, a pedagogia das Escolas Cristãs antecipa as funções da escola moderna de realizar a socialização e preparar de forma geral para o exercício das diversas profissões decorrentes da divisão social do trabalho inerente ao modo de produção capitalista da sociedade democrática que estava se constituindo por dentro desta sociedade aristocrática.

Considerações finais: para além da praticidade

A pedagogia das Escolas Cristãs tinha, repita-se, a função de, além de ensinar o básico (ler, escrever e contar), dignificar a pessoa da criança pobre, em um período histórico no qual estas não eram valorizadas e os pobres estavam destinados a serem pobres para sempre.

Embora no *Guia das Escolas Cristãs* não se descreva a função do mobiliário, é possível, através de uma leitura hermenêutica, chegar a algumas conclusões. Em primeiro lugar, é importante salientar que eles foram desenhados a partir de uma perspectiva científica: destacam-se neles as medidas importantes para cada idade e tamanho da criança: “Os bancos das escolas devem ter diversas alturas [...]” (LA SALLE, 2012a, p. 235). O fato de realizar um estudo científico mostra a importância que se dava para este elemento fundamental na escola.

Mais importante que isso é perceber que as Escolas Cristãs de La Salle funcionavam organizadas de tal forma que é possível perceber em todos os seus aspectos a mesma característica: a organização. Não apenas uma organização prática, mas pedagógica, ou seja, o todo da escola era pensado de forma a não separar um elemento do outro.

Assim, se a escola possuía uma pedagogia científica, bem estruturada, baseada num método de ensino, com um objetivo bem claro que era o de proporcionar uma educação cristã humanizada e preparar a pessoa para enfrentar o mundo com dignidade, a escola inteira era pensada dessa forma. Esta é, também, uma novidade da educação moderna introduzida ainda no século XVII, especialmente pelos Irmãos das Escolas Cristãs.

Esta novidade, aliada a outros elementos já mencionados neste artigo, é o que Gauthier (2014) afirma ser a base da pedagogia moderna como um processo organizado de aprendizagem. A escolha do mobiliário escolar nesse período segue o mesmo princípio. Nas Escolas Cristãs, além da função pedagógica, ele cumpria o mesmo papel desempenhado pelos demais elementos da escola.

As crianças que frequentavam as Escolas Cristãs viviam em situação de pobreza e abandono social; a maioria delas, em casas miseráveis e famílias desestruturadas. Desta forma, o acolhimento em escolas de qualidade, esteticamente bem organizadas, com professores que se intitulavam “Irmãos”, e com móveis de qualidade pensados exclusivamente para o seu tamanho, a percepção de que ali era um lugar feito para elas

e que lhes dava a importância que de fato tinham como pessoas exercia um papel importante na vida delas.

A leitura que pode ser feita deste processo pedagógico é que o mobiliário escolar não era apenas prático, de modo a facilitar que todos pudessem cumprir facilmente seus deveres (LA SALLE, 2012a, p. 235). Não era somente a ideia de que, aprendendo melhor, as crianças seriam pessoas melhores na sociedade, mas que, sentindo-se pessoas melhores, elas podiam aprender mais.

Esse pensamento pedagógico, novo no século XVII, tornou-se basilar na pedagogia moderna que se desenvolveu a partir daí. Os processos e métodos pedagógicos com embasamento na Psicologia da Educação e em outras ciências auxiliares, que se tornaram pontos fortes na educação a partir do século XIX, já eram incipientes naquele período.

O mobiliário escolar das Escolas Cristãs, então, estava inserido dentro de um processo pedagógico humanizador. Se, até então, não havia preocupação com métodos, técnicas ou organização da escola ou mesmo com a pessoa do professor e/ou do aluno (GAUTHIER, 2014), essa nova escola trouxe justamente o oposto: um método de ensino baseado no amor cristão pela humanidade e, principalmente, pelas crianças.

Referências

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. 2. ed., Rio de Janeiro, RJ: LTC, 2015.

BÉDEL, H. **Orígenes 1651-1726**: Iniciación a la historia del Instituto de los Hermanos de Las Escuelas Cristianas. Roma, Itália: Hermanos de las Escuelas Cristianas, 1998.

COMENIUS, J. A. **Didática Magna**. 4. ed., São Paulo, SP: WMF Martins Fontes, 2016.

FIÉVET, M. **Les enfants pauvres à l'école**: La révolution scolaire de Jean-Baptiste de La Salle. Paris, França: Imago, 2001.

FRÈRES DES ÉCOLES CHRÉTIENNES. **Notes de Pédagogie Chrétienne**. Pour servir a la préparation d'une nouvelle édition de la Conduite des

Écoles d'après les princes du Bienheureux J. B. de La Salle. Paris, França: Procure Générale, 1897.

GAUTHIER, C. O século XVII e o nascimento da Pedagogia. In: GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (orgs.). **A Pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 101-127.

GRANDIÈRE, M. Um modelo de escola na França em torno de 1660-1740: A escola cristã. **Revista História da Educação**, Pelotas, RS, v. 11, n. 21, p. 23-50, jan-abr, 2007. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/3216/321627125003/>. Acesso em: 11 fev. 2017.

HÉBRARD, J. A lição e o exercício: algumas reflexões sobre a história das práticas escolares de leitura e escrita. **Educação**, Santa Maria, RS, v. 32, n. 01, p. 11-20, 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reveducao/article/view/657/468>. Acesso em: 17 maio 2020.

HENGEMÜLE, E. **Educação Lassaliana**: Que educação? Canoas, RS: Salles, 2007.

JUSTO, H. **La Salle Patrono do Magistério**. 4ª ed., Canoas, RS, Editora La Salle, 1991.

LA SALLE, J. B. **Guia das Escolas Cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012a. Coleção Obras Completas vol. III.

LA SALLE, J. B. **Regras Comuns dos Irmãos das Escolas Cristãs**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012b. Coleção Obras Completas vol. II-A.

LA SALLE, J. B. **Regras do decoro e da urbanidade cristãos**. Canoas, RS: Unilasalle, 2012c. Coleção Obras Completas vol. III.

LAURAIRE, L. **La Guía de las Escuelas**: Enfoque diacrónico. Evolución del texto de 1706 a 1916. Roma, Itália: Casa San Juan Bautista de La Salle, 2014. Col. *Cahier Lassalien* n. 67.

MANACORDA, M. A. **História da educação**: da antiguidade aos nossos dias. 13. ed., São Paulo, SP: Cortez, 2010.

SAUVAGE, M. **Juan Bautista de La Salle y la fundación de su Instituto**. Roma, Itália: Maison Jean-Baptiste de La Salle, 2001. Col. *Cahier Lassalien* n. 55.

SIMARD, D. O Renascimento e a educação humanista. In: GAUTHIER, C.; TARDIF, M. (orgs.). **A pedagogia**: teorias e práticas da Antiguidade aos nossos dias. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014, p. 76-100.

SPOSITO, M. E. B. **Capitalismo e urbanização**. 14. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2004.

Recebido em: maio/2020

Aceito em: setembro/2020